

UM MUSEU PARA CHAMAR DE SEU

Diz o velho ditado que Deus escreve certo por linhas tortas. Deve ser verdade, pois tomei conhecimento da criação em Franca pelo bispo local do “Museu Diocesano Dom Diógenes Silva Mathes”, notícia alvissareira para aqueles que defendem a preservação do patrimônio cultural de uma cidade que viu ser destruído quase tudo do seu passado. Some-se a isso a restauração (com dinheiro público, infelizmente, mas nem tudo é perfeito) da antiga capela do Colégio de Lourdes (das freiras) e, mais recentemente, o anúncio do restauro das pinturas e da cúpula da Capelinha por gente capacitada tecnicamente, templo que vai comemorar logo mais seu centenário.

Trata-se de uma mudança significativa de postura da igreja católica, importante e benéfica para a memória da cidade, um sopro renovador. É bom lembrar que foi no bispado anterior que a antiga igreja matriz, tornada catedral, recebeu intervenções que desfiguraram sua arquitetura. Foi depois que o primeiro bispo assumiu o cargo que o edifício passou, nos anos 80, pela retirada de altares e esculturas (quem se lembra da marreta do Padre Perón?), depois vieram mudanças na pintura (até as esculturas dos santos foram pintadas como enfeites de bolo de casamento), dos pisos, do altar-mor, enfim, de uma série de transformações que levaram a catedral a se transformar noutra coisa em relação ao que havia sido no passado.

Tudo que foi feito, sem grandes preocupações técnicas em preservar o rico patrimônio cultural da igreja católica na cidade, o foi sob o beneplácito (explícito ou implícito) do bispo à época. A fracassada tentativa de tombamento da catedral quando fui presidente do CONDEPHAT municipal é um exemplo de sua rejeição à cultura patrimonial, uma vez que o representante da Cúria indicado por ele mesmo havia votado favoravelmente ao tombamento, mas o bispo usou todas as suas forças (que não eram poucas) para impedir o tombamento definitivo.

Lembro também que, quando assumiu o cargo no início dos anos 70, o bispo procurou a Associação dos Engenheiros e Arquitetos da cidade, da qual eu era diretor, com um objetivo: queria um projeto para instalar o que chamou de Cátedra do Bispo. Naquela ocasião, discutimos que a forma que ele desejava fazer descaracterizaria totalmente o altar existente. Resultado, isso acabou ocorrendo, ele fez as reformas sem mais consultar a AEARF. Por isso, colocar seu nome num Museu que preserve arte sacra (além de sua tralha pessoal) é, longe de qualquer ironia que poderia levar o piedoso religioso a virar na cripta onde foi sepultado, uma justa e merecida homenagem, confirma que Deus escreve certo por linhas tortas.

Mauro Ferreira é arquiteto